

Circuito tem ótimas opções além dos blockbusters

PÁGINA 3



Pensamento de Roberto Bolaño inspira 'Deserto'

PÁGINA 4



A jornada de um herói igual a tantos brasileiros

PÁGINA 5



2º CADERNO

Fotos/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Filmes essenciais à formação cultural do país nos últimos 60 anos como “A Ostra e o Vento” (ganhador do prêmio CinemAvvenire no Festival de Veneza de 1997), “Ele, O Boto” (1987), e “Inocência” (1983) ganham o espaço nobre da telona da Caixa Cultural, a partir desta terça, numa retrospectiva do realizador Walter Lima Jr.

O filme que deu a ele o troféu Candango de Melhor Direção no festival de Brasília, em 1978, “A Lira do Delírio” será o primeiro de seus títulos a ser projetado na mostra, esta tarde, às 18h. Para o domingo, às 15h30, os curadores Gregory Baltz e Kaio Caiazzo agendaram “Menino de Engenho” (1965), um dos marcos do Cinema Novo.

O recorte curatorial traduz toda a diversidade do realizador, laureado na Berlinale de 1969 com o Urso de Prata por “Brasil Ano 2000”, que a Caixa exibe nesta quinta, às 18h10.

“Durante a busca por obras de Walter Lima Jr. para estudo, percebi a dificuldade em encontrar muitos títulos em DVDs, links online, até mesmo VHS ou qualquer mídia”, diz Caiazzo.

“Percebi com o tempo que a falha não estava no meu garimpo: os materiais não existiam. Muitos filmes podiam apenas ser lidos em livros/ revistas/críticas da época, dificilmente assistidos em alguma cópia acessível - muito menos versões digitais. Essa foi a maior faísca na criação de uma mostra completa à altura da versatilidade e pluralidade de um cineasta inquieto que nunca se prendeu a apenas um formato ou gênero. Ok, talvez um tema e ponto de foco: O Brasil!, e com exclamação. Gregory Baltz, documentarista também dedicado à memória e preservação, mergulhou comigo nessa curadoria afetiva. Walter sempre desejou que seus filmes chegassem ao grande público, a quem ele se endereça. Faz filmes para serem vistos e sentidos, não para si”, destaca o curador.

Continua na página seguinte



A Ostra e o vento



Desafinados

A essencialidade de WALTER LIMA JR. para o cinema brasileiro

Um dos maiores mestres da direção no país, ativo desde o Cinema Novo, ganha retrospectiva na Caixa Cultural



A Lira do Delírio



Menino de Engenho

ENTREVISTA / WALTER LIMA JR., CINEASTA

'Eu não consigo me livrar do Brasil dentro de mim'

Na entrevista a seguir, Walter Lima Jr. diseca a engenharia cinematográfica que fez dele um titã do audiovisual brasileiro.

Qual é o projeto de nação e de cultura a que o seu cinema se reporta nos primeiros anos de seu trabalho nas telas?

Walter Lima Jr.: É um país em mudança, é o país do pós-guerra, um país que está aspirando a um nível de compromisso com a modernidade. O país arcaico brasileiro que vi ainda garoto estava desaparecendo quando eu ia fazer o "Menino de Engenho". Aquele filme começa com uma chaminé parada, pois já não funcionam os engenhos como antigamente. É uma reflexão sobre uma coisa que foi e que precisa mudar. O filme começa com um pequeno poema dizendo: "outrora quando os engenhos recortavam a campina, veio o tempo e os engoliu e ao tempo engoliu a usina". Esse Brasil que conheci é um Brasil que estava mudando, de uma maneira dramática, desesperada, querendo chegar lá com o presidente dando um tiro no coração, como se fosse um golpe de estado, transferindo a data do golpe para dez anos depois. Era o Brasil que inventou Brasília, que queria se ver de outra maneira. Nós estávamos vivendo no cinema um momento de sintonia com o que também estava ocorrendo lá fora. Não era só o Brasil que estava mudando. O mundo começou a mudar. O cinema começou a mudar, tudo começou a mudar. Havia uma expectativa de o meu amor pelo cinema deveria chegar até a tela falando de Brasil. Do Brasil que eu sentia dentro de mim, dentro da minha casa, dentro da minha família, dentro da minha cidade, dentro da escola onde eu estudei, dentro dos meus amigos. Havia uma geração inteira nisso.

O que mudou essa ideia no país de hoje?

Se eu for no que resultou desse processo, encontro um Brasil que mudou. O Brasil não é mais aquele. O Brasil é outro. Talvez alguma coisa tenha se perdido. "Há quem diga que o



Leo Lara/Universo Produção

tempo vence no fim. Um dia, engole a usina como engole a ti e a mim" (referência a "O Menino de Engenho").

De que forma o menino de engenho forma o projeto de cinema que consolidou a sua obra?

Não consolida a minha obra, mas eu acho que fui muito verdadeiro comigo mesmo quando eu assumi o "Menino de Engenho". Eu não tinha compromisso nenhum de ordem ideológica, partidária... com coisa

nenhuma. O cinema que meus pares faziam tinha um compromisso com isso. Eu não tinha esse compromisso. A índole da minha geração inteira era assim, mas eu não precisava ser filiado a uma facção para sentir isso. Eu simplesmente estava aqui. Eu era um brasileiro que vivia a necessidade de me expressar. Ninguém estava interessado em falar de uma criança num campo de plantação. Eu estava. O que eu vou fazer logo depois, o "Brasil Ano 2000", fala disso: do atraso, da presença dos militares, da fome. Termina em uma luta de

garfo e faca. Não podia ser mais óbvio. Fala da nossa identidade cultural. O terceiro filme, o "Na Boca Da Noite", é o contrário de tudo aquilo. É uma urgência. Eu tenho que falar sobre aquilo que me incomoda. O cinema brasileiro é urgente. Ele não espera a indústria, ele se inventa.

Nesse rol de invenções o que sua experiência no documentário revelou de mais contudente?

Um aprendizado veio fazendo o programa "Globo Repórter", usando som direto. O cinema foi me guiando. O tempo inteiro, o cinema vai me revelando coisas sem ter uma cartilha ideológica me dirigindo. Eu me sinto livre nesse negócio, o compromisso é comigo mesmo e com a brasilidade. Eu sou brasileiro, eu não sou um produto do Bob's, nem do McDonald's. Eu não consigo me livrar do Brasil dentro de mim.

Que novos projetos estão no seu horizonte de trabalho?

Essa coisa de pensar no que eu quero fazer difere daquilo que é necessário fazer. Eu não tenho dentro de mim um compromisso com essa necessidade, "eu devo fazer um filme, este é o momento". Eu não tenho isso. O que eu quero fazer agora é uma reflexão sobre a mentira e a verdade. Num filme que eu chamo de "O Mão Branca", que é exatamente essa coisa do falso e do verdadeiro. A notícia do que é falso é que vai criar uma verdade. "O Mão Branca" é um personagem que trabalha com a verdade, porque ele é um jornalista e tem necessidade de fazer uma reportagem. Ele se vê em um contexto em que ele precisa também vender jornal. Então ele participa de um conluio, que é criar falsas notícias. Ele se apropria de um acervo fotográfico do jornal e começa a inventar histórias sobre aquelas figuras que tem naquelas fotografias. São fotografias de vítimas da ditadura. Ele começa a criar histórias, mas ninguém vai reclamar, pois todo mundo está emudecido. Só que alguém reclama: a mãe, a avó, o pai. As pessoas vão aparecer e vão dizer: "mas esse era o meu filho". Aí a verdade começa a surgir do conflito desse homem, no meio da mentira que ele inventa. Eu não queria fazer disso um filme realista, mas também não é expressionista. Embora eu pudesse me aproveitar das belas lições que o expressionismo deixou para a gente no cinema, percebo que as ligações são muito mais próximas com a surrealidade. Que, aliás, é a última e melhor definição que eu tenho do Brasil. É um país surreal, total. E nisso eu volto a ser brasileiro.



20.000 espécies de Abelhas



A Natureza do Amor

Premiados e imperdíveis

Produções coroadas em festivais e premiações estrangeiras oxigenam o circuito nacional, ao largo dos blockbusters



Zona de Exclusão

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Blockbusters natos como “Os Farofeiros 2” não largam o osso do circuito exibidor brasileiro, que se encantou por “Guerra Civil”, do inglês Alex Garland, à força do desempenho de Wagner Moura no papel de um repórter em busca de entrevistar o presidente dos EUA. O ótimo filme de vampiro “Abigail” morde jugulares em nossas salas enquanto Godzilla e King Kong saem no tapa com outros monstros. Nesse cenário, o circuito encontra espaço para produções de narrativa refinadíssima, que saíram premiadas de festivais ou de eventos como o César, o Oscar da França. Confira.

20.000 ESPÉCIES DE ABELHAS, de Estibaliz Urresola Solaguren: Produção espanhola laureada com 34 prêmios pelo mundo afora desde seu lançamento. Em sua trama, uma criança de oito anos luta com o fato de que as pessoas continuam se dirigindo a ela de maneiras confusas, a despeito de sua orientação sexual. Durante um verão no País Basco, entre as colmeias e as abelhas, ela explora sua feminilidade ao lado das mulheres de sua família que, ao mesmo tempo, refletem sobre suas próprias vidas e desejos. Sofia Otero, a protagonista deste belo filme, venceu o Urso de Prata de Melhor Atuação Principal no Festival de Berlim 2023.

A NATUREZA DO AMOR (“Simple Comme Sylvain”, de Monia Chokri (Canadá): Um estudo avassalador sobre a incontinência do amor a partir das inércias que o prejudicam. Uma professora de Filosofia (Magali Lepine-Blondeau) passou dez anos mornos, mas, fiéis, ao lado de um namorado socialmente perfeito para seu status. Mas o convívio súbito dela com um pedreiro faz-tudo vai mudar sua forma de saber querer e de se deixar cuidar. Ganhou o César de Melhor Filme Estrangeiro.

A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Luiz Fernando Carvalho: Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e ca-



O Sabor da Vida

risma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo. Conquistou os prêmios de Melhor Filme e Melhor Atriz na mostra Internacional do Bafici, em Buenos Aires.

SEM CORAÇÃO, de Nara Normande e Tião: Prêmio de Melhor Fotografia no Festival do Rio 2023, este drama geracional ambientado na década de 1990. No enredo, Tamara (Maya de Vicq) está aproveitando suas últimas semanas na vila pesqueira onde mora antes de partir para estudar em Brasília. Um dia, ouve falar de uma adolescente apelidada de “Sem Coração” por causa de uma cicatriz. Ao longo do verão, Tamara sente uma atração crescente por essa menina.

ZONA DE EXCLUSÃO, de Agnieszka Holland: Filme mais festejado da diretora de “Filhos da Guerra” (1990) e “A Sombra de Stalin” (2019). Rendeu a ela o Prêmio Especial do Júri do Festival de Veneza. Sua trama fala de crises políticas diversas. Sua

personagem central, a psicóloga Julia torna-se testemunha involuntária e participante de acontecimentos dramáticos na fronteira com Belarus, depois de se mudar para Podlasie, na Polónia.

O SABOR DA VIDA, de Tran Anh Hùng (França): Foi merecidíssimo o prêmio de Melhor Direção dado por Cannes ao realizador vietnamita responsável pelo aclamado “O Cheiro da Papaia Verde” (1993). Um diretor que estava há uns sete anos sumido do cinema. Ele regressa reunindo um ex-casal que se amou muito fora das telas – Juliette Binoche e Benoît Magimel – para encarnar um quase casal que se adora apaixonadamente na telona, mas que não se casa para não se dobrar aos ditames morais da França do século XIX. Dodin (Magimel, sublime) é um gourmet com alta respeitabilidade na rica burguesia francesa, sendo bem tratado até por nobres, em função dos banquetes que oferece. É Eugénie (Juliette) quem cozinha os quitutes. Mas quando ela fica doente, ele resolve cozinhar para sua amada. É um tratado comovente sobre o benquerer.

Rastros de poesia num mundo hostil

Espectáculo ‘Deserto’ traz reflexões do mundo contemporâneo sob o olhar do escritor chileno Roberto Bolaño

Novo espetáculo do diretor-dramaturgo e jornalista Luiz Felipe Reis com a sua Cia. Polifônica, “Deserto” estreia nesta quinta-feira (2) no Futuros: Arte e Tecnologia. A dramaturgia ilumina rastros da jornada existencial e artística do premiado poeta e escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003).

Em cena, Renato Livera se aproxima e se abre aos influxos do inconsciente, dos sonhos, da obra e da vida deste fundamental escritor latino-americano. É uma travessia no imaginário de um dos maiores escritores do nosso tempo, e também a primeira dramaturgia original criada a partir da vida-obra de Bolaño. Resultado de uma extensa pesquisa, “Deserto” acompanha um poeta diante da morte afirmando a vida em criação.

“Toda sua trajetória, e sobretudo seus últimos anos de vida representam, de certa forma, nossa batalha poética-cotidiana no mundo contemporâneo, uma luta contínua contra as forças de morte, de desertificação das subjetividades e de desvitalização do imaginário a que estamos sendo submetidos pelo mundo neoliberal e digital. Sua obra, assim como nossa peça, ao menos esperamos, são contra-

-cenas que se opõem ao estado desértico a que o mundo ruma, à disseminação irrestrita do horror e das forças de destruição que se alastram e englobam a Terra: violência neoliberal, necropolítica, ecocídio, feminicídios, fascismos e autoritarismos que vicejam em todos os tempos nas Américas e além”, observa o diretor Luiz Felipe Reis.

Em seu recorte dramático, “Deserto” joga luz, sobretudo, nos últimos anos de vida do escritor. Diagnosticado com uma doença hepática degenerativa, em 1992, Bolaño, a partir de então, passa sua última década de vida lidando com uma doença crônica e, de certa forma, silenciosa. Enquanto aguardava um transplante de fígado, se dedicava à conclusão de obras como “2666”, sua obra-prima final, publicada um ano após a sua morte.

O que acompanhamos em “Deserto”, porém, não é exatamente a vida particular de Bolaño, mas fragmentos da sua memória, de seus poemas e escritos diversos que iluminam a jornada arquetípica de um poeta e escritor latino-americano imigrante – nascido no Chile – que atravessa o continente rumo ao México e que, posteriormente, fixa-se na Espanha.

“Deserto é a recomposição de rastros dessa aventura. A travessia



Em cena, Renato Livera abre as comportas do inconsciente do premiado autor chileno

de um espírito inquieto marcado pela inconformidade com as normas, pelo desejo de ruptura, e que, então, se relaciona de modo muito particular com o exílio, com o desamparo e com o “deserto do real” de um mundo globalmente colonizado e dominado pelo imperativo do lucro, da utilidade e da eficácia a serviço do capital – como resposta ao horror e a aridez do real, Bolaño reafirma continuamente uma relação inseparável com a criação artística. Sua obra e sua vida são afirmações de uma ética de existência: a aventura poética como uma forma de vida, como uma forma de

escapar e de se contrapor ao nomos e ao ethos – conjunto de normas e hábitos – impostos pelo regime totalitário do capital em sua forma contemporânea, neoliberal, marcada pela financeirização de tudo”, explica Luiz Felipe Reis.

“Bolaño não é um autor explicitamente autobiográfico, ou que trabalhou com uma forma de autoficção explícita, é mais como se deixasse rastros e pistas – verdadeiras e falsas – sobre sua vida através da sua vasta obra ficcional e poética. Em nosso processo, mergulhamos em sua obra ficcional e não ficcional – romances, contos, conferências,

poemas, entrevistas, ensaios – a fim de construir uma dramaturgia original que ecoa as suas mais fundamentais e recorrentes inquietações artísticas e existenciais”, diz o diretor.

Bolaño surge para o mundo literário em meados dos anos 1990, celebra seu primeiro grande sucesso em 1998, com “Os detetives selvagens”, mas cinco anos depois morre. “É uma aventura trágica, em certa medida, mas que tem a contraparte disso que é o sujeito que, diante da morte e do desconhecido, investe todas as suas energias na criação, que afirma até o fim a criação poética como uma forma de vida, como uma aventura existencial. A obra do Bolaño é um dispositivo que nos ajuda a refletir sobre a condição de ser poeta, artista e escritor nesse mundo em vias de se tornar um deserto”, reflete Luiz Felipe Reis.

O espetáculo instaura uma experiência multilinguagem, articulando dispositivos teatrais com a literatura, a poesia, a música, além de instalações de luz, som e vídeo, se empenhando, em articular reflexões filosóficas com provocações sensoriais a fim de sensibilizar e de engajar todos os envolvidos na experiência, na tarefa de responder criativamente às transformações e às ameaças existenciais que marcam o contemporâneo.

“Se vivemos num mundo cada vez mais avesso e hostil a uma vida poética, não submetida e pactuada com a lógica do lucro sobre tudo e a qualquer custo, aquele que se aventura a viver poeticamente, a existir enquanto artista e poeta no mundo, está fadado a viver um périplo acidentado, marcado por inúmeras formas de violência que atuam determinadas a produzir a sua desistência, ou des-existência. Por tudo isso, é preciso continuar”, conclui Luiz Felipe Reis.

SERVIÇO

DESERTO

Futuros - Arte e Tecnologia
(Rua Dois de Dezembro, 63,
Flamengo)

De 2/5 a 23/6, de quinta a
domingo (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Entre risos e reflexões, espetáculo retrata resiliência das pessoas pobres e periféricas diante das injustiças sociais

Na literatura, nos filmes, na TV, nas histórias em quadrinhos e nas artes cênicas estamos acostumados com relatos de heroísmo. Com as histórias de pessoas que se superam. mas que heroísmo é esse? Pertence a quem? Pessoas comuns, com que convivemos no dia-a-dia podem ter uma trajetória heróica? Prestes a completar dois anos de circulação por diversas cidades do estado do Rio, além de uma temporada de sucesso em São Paulo, o espetáculo ganhador em um dos mais importantes prêmios nacionais de teatro, o Prêmio Shell, “A Jornada de Um Herói”, reestrea nesta quinta-feira (2), às 19h, no Teatro Léa Garcia.

Idealizado pela Cia Escola Fábrica de Atores, de Nova Iguaçu, a peça já ocupou diversos palcos para além da Baixa Fluminense, seja em diferentes bairros do Rio ou outras cidades, chegando até mesmo a alcançar outros estados, como São Paulo e Minas Gerais.

O diretor do espetáculo, Alexandre O. Gomes, comemora este feito. “Isso é motivo de muita satisfação porque estamos conseguindo levar a história de José para muitos lugares. Para nós, isso é símbolo de representatividade territorial, pois somos periféricos, da Baixada Fluminense, e poder ocupar esses espaços é uma forma de política afirmativa”, ressalta.

Rompendo a famosa estratégia narrativa chamada “jornada do herói”, majoritariamente centrada em histórias que glorificam homens brancos e ricos, “A Jornada de um Herói” traz para o centro do palco o protagonismo de um homem negro, pobre, periférico e analfabeto, chamado José, que enfrenta diversas batalhas cotidianas, refletindo a realidade de muitos brasileiros que se vêem à margem da sociedade e levantando a seguinte questão: “Quem são os verdadeiros heróis?”

Após ser demitido de uma fábrica de carvão ao questionar a diminuição do



‘A Jornada de um Herói’ mostra a saga de José, trabalhador desempregado que enfrenta diversos dissabores

O herói que mora ao lado

seu tempo de almoço, que passa de dez para cinco minutos, José vai atrás do seu FGTS, como única opção de sustento de sua família. Tal como os heróis de Homero, José enfrenta monstros e diversos outros perigos ressignificados nas dificuldades cotidianas de um homem negro, pobre, semianalfabeto e desempregado, marcando uma verdadeira epopéia urbana em que os percalços de um ônibus cheio, uma fila quilométrica e um gerente de banco esnobe, escancaram na resistência de José, o seu heroísmo.

Através do solo narrativo, o espetáculo convida o público a refletir sobre questões urgentes da sociedade contemporânea, como o racismo estrutural, relações de trabalho abusivas e desigualdades sociais.

“A Jornada de um Herói” já conquistou o 33º Prêmio Shell na categoria “Iluminação”, ganhou o 1º festival de Saquarema, o 3º FESTFILM e o 8º festival de Passos, além de ter sido indicado na categoria jovens talentos pela APTR. “Todos esses prêmios refletem nosso trabalho árduo de pesquisa e a nossa dedicação”, destaca o diretor.

Com uma linguagem popular e utilizando uma abordagem cômica, “A Jornada de Um Herói” torna o debate mais acessível, já acumulando mais de 2 mil espectadores que, sem dúvidas, ao término do espetáculo, saem com os olhos mais abertos sobre as injustiças presentes na sociedade.

“Nada é tão inclusivo como uma boa comédia, porque o riso atrai as pessoas, desarma a todos e provoca a reflexão. É uma comédia política, que busca através deste gênero se comunicar com todas as classes sociais, principalmente as menos favoreci-

das”, ressalta Alexandre O. Gomes.

A Escola Fábrica dos Atores oferece aulas de teatro para a comunidade a preços populares, sobrevivendo a partir de doações e editais, sem nenhum patrocínio. Apesar das dificuldades e limitações enfrentadas diariamente, a companhia segue firme, dedicando-se a trazer novas perspectivas aos jovens da comunidade, além de já ter formado diversos artistas que hoje colhem os bons frutos da arte. Esse também é um exemplo de heroísmo.

SERVIÇO

A JORNADA DE UM HERÓI

Teatro Léa Garcia - antigo Teatro dos Correios (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro)

De 2/5 a 1/6, de quinta a sábado (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$20 (meia)

CORREIO CULTURAL

Tri Star Pictures/Divulgação



Depardieu é acusado de atos obscenos nos sets

Gérard Depardieu é preso sob acusações de agressão sexual

Gérard Depardieu foi preso, nesta segunda (29), em Paris acusado de ter agredido sexualmente duas mulheres. O ator deverá responder ainda a acusações de ter feito comentários obscenos durante filmagens nos anos de 2021 e 2014.

A primeira denúncia foi feita em fevereiro por uma decoradora que trabalhou na

produção do filme “Les Volets Verts”, de Jean Becker, e que acusa o ator de agredi-la sexualmente em 2021. A segunda mulher, uma ex-assistente de direção, fez denúncia semelhante. Segundo ela, Depardieu teria utilizado palavras indecentes por ocasião das filmagens de “Le Magicien et les Siamois”, de Jean-Pierre Mocky.

Despedida

A rede Cinesystem assumirá, a partir desta quarta (1º), a participação do Itaú Unibanco em salas de cinema de três cidades do país, Rio, São Paulo e Brasília. A venda da operação é alvo de especulação há meses e enfim será oficializada nesta semana.

Despedida II

Assim, o Espaço Itaú de Cinema Botafogo, bem as unidades Pompeia e Frei Caneca, na capital paulista, e Casa Park, em Brasília, passarão a ser administradas pela rede originária do Paraná. O Itaú Augusta (SP) segue nas mãos do exibidor Adhemar Oliveira.

Despedida III

Uma vez fora da rede de salas de exibição, o banco deve limitar seu apoio financeiro ao setor cinematográfico a patrocínios de projetos pontuais, como produções e mostras, bem como ao serviço de streaming Itaú Cultural Play.

Despedida IV

Notabilizado por juntar o aspecto comercial das salas com programação autoral, o Espaço Itaú é um dos mais importantes do país mas vêm sofrendo uma série de reveses, que culminou no fechamento de 17 salas pelo país por falta de público.

Um legado de arte para a juventude

Divulgação

Retornando dos EUA, a artista plástica e escritora Kéren Viegas está envolvida com novos projetos

Kéren Viegas, renomada artista plástica e escritora, anuncia seis novos projetos, marcando um novo ciclo em sua carreira. Com uma alma apaixonada pelo conhecimento e pela arte, Kéren traz uma visão inspiradora para suas mais recentes criações, que incluem obras de arte exclusivas, obras literárias, reproduções e o sonho de promover a arte, a cultura e a literatura nas escolas de seu estado natal, o Rio Grande do Sul.

Nascida e criada em Pelotas, Kéren passou a viver em Capão da Canoa, após período de sete anos em Orlando (EUA). Da fase em que viveu no exterior, ela traz consigo uma rica bagagem educacional e artística. Com experiência internacional e diplomas em Pedagogia, Artes Visuais e pós-graduações em Psicopedagogia e Educação Especial, sua paixão pela educação a levou a lecionar em diversas séries do ensino inicial, fundamental e médio, em escolas do Rio Grande do Sul.

Além de sua atuação no campo da educação, Kéren também se destacou no mundo da maquiagem de efeitos especiais. Sua habilidade nesse campo chamou a atenção da indústria cinematográfica, resultando em uma seleção e convite para participar de uma produção



Após retornar dos EUA, Kéren Viegas quer promover ações de arte e educação nas escolas gaúchas

internacional protagonizada pelo astro Adam Sandler, e uma oportunidade de trabalho em uma emissora de TV no Brasil.

As obras de Kéren Viegas ultrapassam fronteiras, obtendo reconhecimento em locais como os Estados Unidos, Colômbia, Itália, Brasil e Argentina.

De volta ao Brasil, Kéren lança projetos literários com o signo da inovação, entre os quais destacam-se os livros “De Frente com o Propósito” e “A Arte da Vida”. Sua

editora, a Novas Notícias, aproveitada para reeditar obras anteriores da autora.

Além dos projetos artísticos, Kéren inicia uma nova etapa em sua trajetória ao começar a promover palestras, workshops, exposições e

interações com os alunos da rede de ensino do Rio Grande do Sul. “Minha ideia é estimular a criatividade dos estudantes, deixando um legado duradouro que segue pela vida desses jovens”, revela Kéren.

Prazer, Elisa Addor. Mulher, mãe e cantora

Cantautora celebra 20 anos de carreira com lançamento de seu segundo álbum

Cantora e compositora versátil, Elisa Addor é figura constante na cena musical carioca. Nesta sexta-feira (3), ela lança nas plataformas digitais “Mulher, Mãe, Mar” (Biscoito Fino), seu segundo álbum e que celebra seus 20 anos de carreira. Além de canções com diferentes parceiros, o trabalho reúne músicas de outros compositores, como Joyce Moreno, Paulo César Pinheiro, Moyses Marques, Kalu Coelho e Iara Ferreira, entre outros. E o Correio da Manhã ouviu o álbum em primeira mão.

Quem explica o projeto em detalhes é a própria Elisa: “Todas as canções falam do universo feminino, da mulher-mãe-cantora que sou. A Rainha do mar é um símbolo sagrado desse feminino que me representa, me abençoa e me protege. As músicas falam de amor e da luta pra se viver de música nesse país. Falam da minha escolha pela maternidade e das consequências dela para o meu fazer artístico em um mundo tão misógino. Levo essas reflexões para a minha música, para o meu repertório e para os palcos”.



Carol Spork/Divulgação



Divulgação

Elisa e Pedro Luís, parceiro na faixa ‘Que Amor É Esse’, juntos durante as gravações para o álbum ‘Mulher, Mãe, Mar’

Dentre as canções autorais de Elisa estão “Fio” (com Marcela Carvalho), “Água de cheiro” (com Felipe e Elmo Rama) e “Que amor e esse” (com Pedro Luís), esta última com a participação especial do

parceiro nos vocais. “Pedro Luís é um ídolo e amigo querido. Fui procurá-lo pra propor uma parceria e, para minha alegria, ele topou. Foi muitíssimo generoso e agora temos a nossa música juntos! É uma canção de desamor, doeu muito pra fazer, achei que não conseguiria sozinha”, recora pontua Elisa.

Sobre a escolha do repertório, ela detalha: “A ideia de fazer o meu segundo disco solo é bem antiga, está sendo gestada há muito tempo. Então, compus algumas canções especialmente para o projeto: outras já existiam”. Antes de “Mulher, Mãe, Mar”, Elisa Addor havia lançado o álbum “Novos Tempos”, em 2011.

Além do solo, lançou um disco com o seu grupo de samba jazz Pé do Ouvido, além de dois outros com o grupo infantil Farra dos Brinquedos. O show de lançamento do álbum “Mulher, Mãe, Mar” está marcado para o dia 22 de maio, no Teatro Rival Petrobras, com repertório que passeia pela trajetória musical da artista.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Pé-de-serra

A Lapa recebe neste feriado de 1º de maio, às 20h, o “Baile do Pimenta - I Forró Descalço da Casa Tao”. O violinista Guilherme Pimenta fará um noite dançante com muito forró pé de serra, celebrando a música nordestina em uma festa com a banda formada por Rodrigo Zoião (zabumba), Ricardo Rito (sanfona), João Rafael (baixo), além das participações especiais de Carlos Malta, Maju Nunes, Laura de Castro e Giuliano Eriston.

Pedro Henrique Delfino/Divulgação



Volta às raízes

A cantora e compositora baiana Déborah Cecília faz uma ode à rica herança musical e cultural brasileira em seu álbum de estreia “Segredo de Passarinho”. Lançado no fim do ano passado, o projeto ganha os palcos nesta quinta-feira (3), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. Natural de Piripá (BA) e radicada no Rio, a artista idealizou o projeto durante o isolamento social, selecionando canções que refletem suas raízes. Grátis

Divulgação



Influências

Artista jovem, de 25 anos, a cantora Jade Baraldo transcende gerações e estilo e homenageia as vozes femininas fundamentais em sua vida tais como Sarah Vaughan, Gal Costa e Elis Regina em versões contemporâneas com DJ e saxofonista no show “As Vozes de Jade Baraldo” nesta sexta-feira (3), a partir das 21h, no Dolores Club (Rua do Lavradio, 10 - Lapa). Ingressos a R\$ 40 (compra antecipada) e R\$ 60 (na bilheteria).

Divulgação



Cultura carioca

Nesta terça (30), véspera de feriado, o Circo Voador recebe, a partir das 20h, o Baile do Ademar, que comemora 15 anos com uma grande celebração da cultura carioca que emerge das favelas e reúne a cena do skate, do rap e do funk. No comando da festa, os residentes do baile DJ Germânia, Gustavo Goranmo e Mestre LP, chacoalham a pista com muito funk e rap, mixagem em toca discos e novas tecnologias.

Nas tramas da modernidade

Sérgio Chagas/Divulgação

Selo-referência da MPB no início do século, a Trama retoma o perfil de gravadora para resgatar pérolas da música e alavancar os novos talentos

A Trama, gravadora fundada por André Szajman e João Marcello Bôscoli, mudou o cenário musical dos anos 2000, revelando ao mundo artistas como Max de Castro, Luciana Mello, Otto, Wilson Simoninha, Fernanda Porto, DJ Marky, Rappin' Hood e Cansei de Ser Sexy, entre outros. Pioneira no mercado de música digital no Brasil, a empresa criou a plataforma Trama Virtual e projetos como o Download Remunerado e o Álbum Virtual, patrocinado por marcas e oferecido gratuitamente ao público.

Muitas águas rolaram e, diante dos desafios impostos pela modernidade na indústria fonográfica, Bôscoli e Szajman anunciam o início de um novo período, batizado por eles como Fase III.

“O que poucos sabem é que o nome Trama foi herdado da companhia que a Elis (Regina) teve nos anos 1970. Quando o André e eu fundamos a empresa em 1998, encaramos como uma continuidade, uma nova fase do trabalho iniciado por ela”, comenta João Mar-



João Marcelo Bôscoli, filho de Elis Regina e sócio da trama, pinçou um single raro do baú de sua mãe para abrir os trabalhos do que ele chama de Fase III da gravadora

cello, filho da cantora. Portanto, dentre as ações programadas para inaugurar a Fase III, nada poderia ser mais emblemático do que o lançamento de um single de Elis Regina.

A versão inédita de “Para Lennon e McCartney” apresenta a voz de Elis recuperada de arquivos de estúdio datados de 1976 e restaurada com auxílio de avançados programas de inteligência artificial. Depois foram adicionadas novas partes instrumentais com arranjos contemporâneos que se alinham à essência da produção do passado, deixando ainda mais emocionante a estupenda interpretação da cantora. Outro aspecto notável é que foram utilizados apenas equipamentos antigos, em alguns casos, exatamente os mesmos da gravação original. A músi-

ca chega às plataformas digitais no dia 10 de maio e o pré-save já está disponível.

“Este lançamento da Elis, sob o selo Trama, é apenas o primeiro de vários outros que virão. Estamos imersos no processo de remasterização de todo o nosso acervo, e a ideia é disponibilizar tudo gradualmente. A quantidade de material é imensa, tanto em áudio quanto em vídeo, e a execução desse trabalho requer muito cuidado e precisão. Cada vez que revirmos o baú, surgem mais e mais pérolas” - comenta um entusiasmado João Marcello.

Ao mesmo tempo que preserva o passado, a Trama mira o futuro em busca de renovação. André Szajman compartilha mais detalhes sobre a Fase III: “Temos observado atentamente o surgi-

mento de uma nova cena muito interessante, formada por artistas que estão fazendo música de alta qualidade. Eles não pertencem necessariamente a um único movimento. O que todos eles têm em comum é uma forte ligação com a MPB e isso foi uma das coisas que mais nos motivou a reassumir o papel de gravadora. Queremos gravar, produzir, lançar e oferecer as melhores condições para que esses jovens talentos se desenvolvam e conquistem seu lugar no mercado. Vamos realizar eventos e reativar projetos como Trama na Rua e Trama Apresenta para que essa safra de artistas tenha a oportunidade de levar seu som aos palcos de todo o Brasil”.

E as novidades não param por aí. A Trama também lançará um programa de rádio semanal, trans-

mitido nacionalmente pela Novabrazil FM. Com apresentação de João Marcello Bôscoli, O Novo Sempre Vem estreia nesta quinta-feira (2), às 22h. A proposta do programa é apresentar artistas novos sempre fazendo um paralelo com nomes consagrados que os influenciaram.

Catálogo relevante

Além de inovar e descobrir novos talentos, a Trama sempre se dedicou a preservar o legado da MPB lançando trabalhos de lendas como Gal Costa, Baden Powell, Jair Rodrigues, Banda de Pífanos de Caruaru e Tom Zé. Esses álbuns se tornaram itens importantes dentro dos catálogos dos artistas e contribuíram significativamente para a formação do magnífico acervo da companhia.

A Trama também se destacou no campo de shows e eventos, uma vertente que se sobressai desde sua formação e persiste até os dias atuais. A empresa é reconhecida por promover e impulsionar o mercado de música ao vivo, conectando público e artistas de maneira memorável.

Outra iniciativa importante da Trama, que ajudou a desenvolver o mercado fonográfico alternativo, foi a criação da Distribuidora Independente (DI). Concebida para comercializar lançamentos de mais de 500 selos e gravadoras de menor porte, a DI fortaleceu a cena indie, proporcionando visibilidade a artistas emergentes. Sua estratégia de vendas diretas e impacto duradouro a tornaram um marco na história da música independente nacional.

Permanecendo atenta às tendências da indústria do entretenimento, na década de 2010, a empresa expandiu seu foco de atuação e estabeleceu um canal de música na internet. A TV Trama foi o primeiro canal diário de live streaming do YouTube no mundo, oferecendo uma plataforma para mais de 1.100 artistas se apresentarem e interagirem com os fãs. As transmissões eram realizadas diretamente dos Estúdios Trama - reconhecido como um dos mais bem equipados do país.